

DECRETO N.º 4944, DE 31 DE AGOSTO DE 1976.

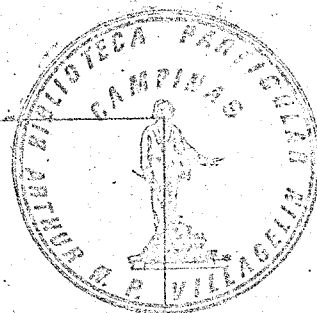
Dá denominação a Vias Públicas da Vila Boa Vista

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969,

DECRETA:

Artigo 1.º — Ficam denominadas:

- I — RUA DOS JEQUITIBÁS — a Rua A, com início à Rua I e término à Rua M.
- II — RUA DOS JATOBÁS — a Rua B, com início à Rua J e término à Rua K.
- III — RUA DOS JACARANDAS — a Rua C, com início à Rua I e término à Rua J.
- IV — RUA DOS ALAMOS — a Rua D, com início à Rua K e término à Rua O.
- V — RUA DOS PLATANOS — a Rua E, com início à Rua J e término à Rua K.
- VI — RUA DOS AZEVINHOS — a Rua F, com início à Rua I e término à Rua 7.
- VII — RUA DOS EBANOS — a Rua G, com início no encontro das Ruas L e 27 e término no encontro das Ruas N e 30.
- VIII — RUA DAS ACACIAS — a Rua H, com início à Rua I e término à Rua O.
- IX — RUA DOS CAMBARAS — a Rua I, com início à Rua H e término à Rua A.
- X — RUA DOS IPÊS - ROXOS — a Rua J, com início à Rua H e término à Rua A.
- XI — RUA DOS IPÊS - AMARELOS — a Rua K, com início à Rua H e término à Rua A.
- XII — RUA DOS IPÊS - BRANCOS — a Rua L, com início à Rua H e término à Rua G.
- XIII — RUA DAS PEROBAS — a Rua M, com início à Rua 28 e término à Rua A.
- XIV — RUA DOS CEDROS — a Rua N, com início à Rua H e término à Rua 30.
- XV — RUA DAS IMBUÍAS — a Rua O, com início à Rua H e término à Rua D.
- XVI — RUA DOS CARVALHOS — a Rua 1, com início à Rua H e término à Rua 13.
- XVII — RUA DAS GREVILLEAS — a Rua 2, com início à Rua 11 e término à Rua 13.
- XVIII — RUA DOS ANGICOS — a Rua 3, com início à Rua 30 e término à Rua O.
- XIX — RUA DAS AROEIRAS — a Rua 4, com início à Rua 30 e término à Rua O.
- XX — RUA DOS FREIJÓS — a Rua 5, com início à Rua 30 e término à Rua O.
- XXI — RUA DAS CANJERANAS — a Rua 6, com início à Rua 30 e término à Rua O.
- XXII — RUA DOS SALGUEIROS — a Rua 7, com início à Rua H e término à Rua A.
- XXIII — RUA DOS ANGELINS — a Rua 8, com início à Rua H e término à Rua A.
- XXIV — RUA DAS SAPUCAIAS — a Rua 9, com início à Rua H e término à Rua A.
- XXV — RUA DOS SUCUPIRAS — a Rua 10, com início à Rua H e término à Rua A.
- XXVI — RUA DOS VINHATICOS — a Rua 11, com início à Rua H e término à Rua A.
- XXVII — RUA DOS ACAJUS — a Rua 12, com início à Rua H e término à Rua C.
- XXVIII — RUA DAS CANELEIRAS — a Rua 13, com início à Rua C e término à Rua A.
- XXIX — RUA DAS GUAJUVIRAS — a Rua 14, com início à Rua H e término à Rua C.
- XXX — RUA DAS PINDAÚVAS — a Rua 15, com início à Rua C e término à Rua A.



- XXXI — RUA DOS JUAZEIROS — a Rua 16, com início à Rua H e término à Rua C.
- XXXII — RUA DOS EUCALIPTOS — a Rua 17, com início à Rua C e término à Rua A.
- XXXIII — RUA DAS IMBAÚBAS — a Rua 18, com início à Rua H e término à Rua C.
- XXXIV — RUA DAS FAIAS — a Rua 19, com início à Rua C e término à Rua A.
- XXXV — RUA DAS CASTANHEIRAS — a Rua 20, com início à Rua H e término à Rua C.
- XXXVI — RUA DOS SABUGUEIROS — a Rua 21, com início à Rua C e término à Rua A.
- XXXVII — RUA DAS OLIVEIRAS — a Rua 22, com início à Rua H e término à Rua A.
- XXXVIII — RUA DAS TAJÚVAS — a Rua 23, com início à Rua H e término à Rua A.
- XXXIX — RUA DAS CAVIÚNAS — a Rua 24, com início à Rua H e término à Rua A.
- XL — RUA DAS CEREJEIRAS — a Rua 25, com início à Rua H e término à Rua A.
- XLI — RUA DOS FAVEIROS — a Rua 26, com início à Rua H e término à Rua A.
- XLII — RUA DAS CASUARINAS — a Rua 27, com início à Rua G e término à Rua M.
- XLIII — RUA DAS NOGUEIRAS — a Rua 28, com início à Rua G e término à Rua D.
- XLIV — RUA DAS GUARAMAS — a Rua 29, com início à Rua G e término à Rua D.
- XLV — RUA DAS FIGUEIRAS — a Rua 30, com início à Rua G e término à Rua D.
- XLVI — RUA DOS GUAIAÇOS — a Rua 31, com início à Rua H e término à Rua 6.
- XLVII — RUA DAS BÉTULAS — a Rua 32, com início à Rua H e término à Rua 6.
- XLVIII — RUA DAS TECAS — a Rua 33, com início à Rua H e término à Rua 6.
- XLIX — RUA DAS TUIAS — a Rua 34, com início à Rua H e término à Rua 6.
- L — RUA DAS SIBIPIRUNAS — a Rua 35, com início à Rua H e término à Rua 6.
- Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PÁÇO MUNICIPAL, 31 de agosto de 1976.

DR. LAURO PERICLES GONÇALVES  
 Prefeito do Município de Campinas  
 DR. JOÃO BAPTISTA MORANO  
 Secretário dos Negócios Jurídicos  
 ENG.º GILBERTO MEIRA BIOLCHINI  
 Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado n.º 17.382, de 6 de julho de 1976, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 31 de agosto de 1976.

DR. ARMANDO PAOLINELI  
 Chefe do Gabinete

RUA DOS JEQUITIBÁS  
(Decreto nº 4944 de 31-08-1976)



JEQUITIBÁ

Considerada a Árvore da Fraternidade Nacional e símbolo paulista, é uma das maiores do mundo pelo porte. Seu tronco alcança diâmetro de 1,20 m. É madeira de lei de primeira qualidade; serve para obras de entalhe e tem largo emprego na marcenaria, carpintaria e construções. É árvore frondosa e bela, de flores pequenas; tronco reto até certa altura, quando se abre, então, na copa verdejante. Pertence à família das Lecitidáceas, que abrange 17 gêneros e cerca de 200 espécies.

As espécies *Couratari rufescens* CAMB. e *Couratari glaba* CAMB., conhecidas como jequitibás-vermelhos, são gigantescas e aparecem principalmente nas matas da Serra do Mar, acima de Angra dos Reis. A *Cariniana brasiliensis* CAS., de porte majestoso, também é um jequitibá-vermelho. *Cariniana excelsa* CAS. é um jequitibá-branco, na linguagem popular.

O nome jequitibá vem do indígena "iigibibá": "iig" — duro, rijo; "ibi" — tronco direito; e "ibá" — árvore; de onde: árvore de tronco rijo e direito.

Em Carangola (MG), na Fazenda Marimbondo, é famoso um jequitibá de 40 metros de altura, verdadeiro exemplo da pujança de nossa floresta.

Existe em Piracicaba (SP) um jequitibá "proprietário" de um terreno de 800 metros quadrados. Um patriótico piracicabano, João da Rocha Conceição, ao falecer, deixou-lhe reservada essa área. A idade da árvore foi calculada em cerca de 170 anos, tem 33 metros de altura (18 m de tronco reto); o diâmetro, na base, é de 1,84 m e sua circunferência, 5,30 m.

O Bosque dos Jequitibás, em Campinas (SP), tem árvores com mais de 150 anos. São, também, muito antigas as do Paço Municipal, batizado de "Palácio dos Jequitibás".

Em Santa Rita do Passa Quatro (SP), há um Parque dos Jequitibás.

\*

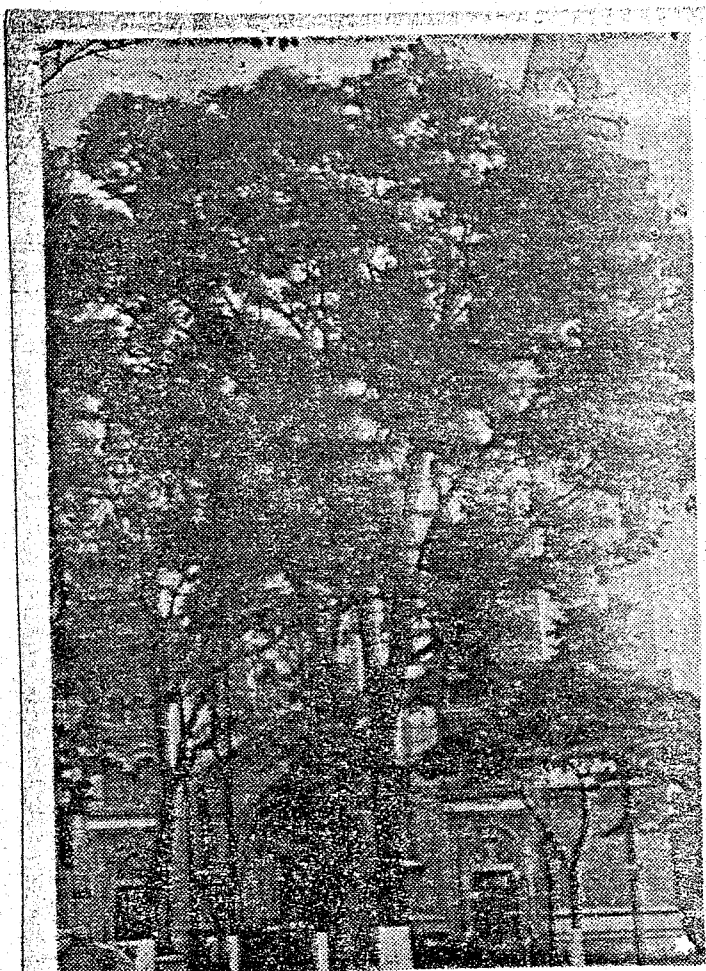
(Extraído de fls. 157 da "Nova Antologia Brasileira da Árvore" de Maria Thereza Cavalheiro, 1ª. edição 1974, Livraria Editora Iracema Ltda., s; Paulo)



## Arvores da cidade

# O jequitibá, com toda a sua imponência, se vai tornando raro

Helmut Paulo KRUG



O exemplar da rua Três Rios não ostenta agora folhagem vistosa, pois o inverno o despiu. Embora não tenha alcançado ainda seu desenvolvimento máximo, já dá idéia da beleza de seu porte.

(Recorte do jornal "Folha de São Paulo" de 1963)

EM algumas regiões do Estado de São Paulo, o jequitibá foi árvore relativamente frequente na floresta nativa. Porém desapareceu. Só restam em alguns lugares amostras do que foram as imponentes árvores de outrora. Uma das espécies arbóreas mais faladas, em épocas relativamente recentes, poucos são os exemplares seus encontrados na cidade. O mais conhecido e destacado é o existente em frente à igreja N. S. Auxiliadora, da rua Três Rios.

Em São Paulo há duas espécies de jequitibá, o branco e o vermelho, ambas de grande porte. O branco é de forma um tanto mais achatada quando cresce isoladamente. O vermelho se apresenta ereto, de tronco reto e com as ramificações em alturas maiores. Árvore imponente, na floresta nativa os exemplares maiores formaram seus primeiros galhos a alturas de 25 ou 30 metros. Os troncos não raro atingiam diâmetros de dois metros.

A casca se apresenta parda, mais ou menos lisa, com maiores rugosidades nos exemplares mais velhos, formando-se então fissuras longitudinais. A madeira do jequitibá vermelho é de qualidade melhor. Nos últimos anos ela tem sido industrializada, com emprego na construção de tonéis de fermentação para vinho.

As folhas, elípticas ou ovadas, terminam em ponta. Sua margem é serrilhada. A consistência da folha é coriácea e a superfície se apresenta mais ou menos brilhante. As do jequitibá branco são maiores que as do vermelho. Neste último, possuem comprimento de 2 ou 3 cm e largura de 1,5 cm a 2.

Os jequitibás podem ser reconhecidos mais facilmente por seus frutos. São alongados e ovóides, maiores no branco, e providos de tampa. Por ocasião da maturação, o operculo se contrai e destaca do corpo do fruto. Na parte interna, o operculo continua num estilete que também se contrai durante a

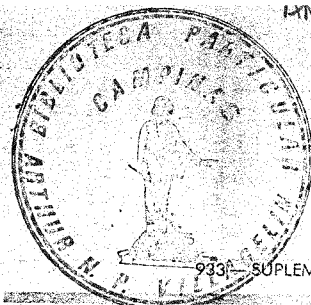
maturação, facilitando a deiscência. Este característico é próprio da família Lecythidaceae à qual também pertence a Sapucaia.

O fruto contém poucas sementes providas de asas. Na queda, são carregadas pelo vento. O jequitibá, devido a seu porte avantajado, já constituiu símbolo de partido político em época passada. Na cidade de Campinas, uma pequena reserva florestal de domínio municipal foi denominada «Bosque dos Jequitibás», devido a alguns exemplares avantajados ali existentes.

O Serviço Florestal do Estado mantém, próximo a Piracicaba, uma pequena área na qual dá proteção a alguns jequitibás remanescentes da floresta original. Justifica-se maior cuidado com estas espécies, representantes destacadas do que foi a floresta original desta parte do país. No cultivo organizado das reservas do futuro, os jequitibás, devido às suas características inerentes, nunca serão espécies de grande importância econômica.



A folha possui brilho relativo e o fruto é bem característico



## PAISAGISMO

# Os jequitibás ornamentais

São os jequitibás árvores altíssimas, imponentes, que se destacam muito na floresta. Hermes Moreira de Souza defende o emprego dessas árvores na arborização de avenidas e composição de parques.

Diversas regiões do globo terrestre são famosas por terem árvores que se caracterizam pelo gigantismo do porte e são elevadas à categoria de monumentos vegetais. A título de exemplo, podem-se lembrar as figueiras da Índia, as sequoias dos Estados Unidos, os carvalhos da Europa, os eucaliptos da Austrália, árvores que, no geral, representam simbolicamente os próprios países em que se encontram. O Brasil, dotado de uma flora riquíssima e variada, possui também uma árvore, que à semelhança das citadas, pode representá-lo condignamente, graças ao porte altaneiro, imponente e gigantesco. Trata-se do jequitibá, símbolo amplamente justificado do Estado de São Paulo e considerado, entre as demais árvores que compõem as matas, o rei da floresta.

Os jequitibás pertencem à família das lecitidáceas na qual há árvores de porte médio e gigante, de mais de 30 metros de altura. Diversas árvores pertencentes a essa família são bem conhecidas, como as belas sapucaias e a gigantesca castanheira-do-para. Algumas são pequenos arbustos, como os copos-de-burgue do cerrado.

A família abrange 17 gêneros, com cerca de 200 espécies, na maioria nativas das regiões tropicais das Américas. Plantas muito afins e com estreito parentesco são encontrados em regiões do Velho Mundo, embora constituam uma família separada, a das baringtoniaceas.

As plantas da família das lecitidáceas em geral possuem folhas alternas, simples, cujo tamanho varia desde o relativamente pequeno até o muito grande, de quase um metro. As flores são formadas comumente de 4 a 6 partes, isto é, tanto o cálice quanto a corola possuem esse número de sépalos e pétalas, as quais, em certas plantas, podem ser em número menor. Os estames são numerosos, em várias séries, e o ovário pode ter de 2 a 6 lojas, com um ou muitos óvulos em cada loja. O fruto é uma cápsula lenhosa, que tem o nome especial de pixídio. Abre-se transversalmente, destacando-se uma peça que, a maneira de um operculo, fecha a extremidade do fruto, oposta a em que se inseriu o pedúnculo ou cabo que



Exemplares esparsos de jequitibás às vezes escapam ao desmatamento, permanecendo nas terras de cultura. São reconhecidos à distância pela silhueta inconfundível, representada por um tronco cilíndrico, ereto, que sustenta uma copa umbeliforme.



Ocasionalmente se vem jequitibás em jardins públicos, como acontece na cidade de Campinas, conforme a foto de um jequitibá-branco (*Cariniana estrellensis*) que se destaca das árvores circundantes pela copa volumosa.

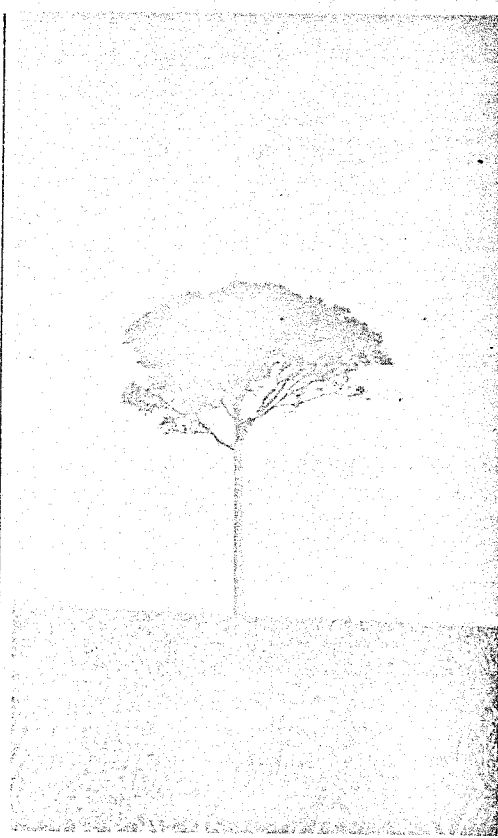
o mantem. As sementes podem ser aladas ou não.

Os jequitibás têm o mesmo derivado do indígena "yigibiybá", que destaca os caracteres dessas gigantes árvores, segundo a interpretação seguinte: yig — duro, rijo; ibi — tronco direito; ybá — árvore. A rigor, podem-se distinguir os jequitibás verdadeiros ou propriamente ditos, dos jequitibás, comumente assim chamados. Os jequitibás verdadeiros pertencem ao gênero *Couratari* (do qual falaremos noutra oportunidade) e são nativos no Rio de Janeiro e Espírito Santo, ao longo da Serra do Mar. Os jequitibás comuns pertencem ao gênero *Cariniana*, que difere do anterior, *Coaritari*, apenas por um detalhe botânico e pelas sementes.

Os jequitibás comuns são representados por diversas espécies de *Cariniana*, que atingem uma dezena, nativas desde o centro-sul do País até a Venezuela e Colômbia. Delas, pelo menos duas são encontradas em São Paulo e diferenciadas

pelo adjetivo a posto ao nome comum. Uma delas, *Cariniana legalis*, é o jequitibá-vermelho ou jequitibá-rosa. E possivelmente o jequitibá mais imponente das matas em virtude de formar um tronco muito espesso, alto e colunar, que pode atingir até 40 metros de altura, com muitos metros de circunferência. Destaca-se pela casca grossa, parda, rígida e rugosa, pronunciadamente sulcada. As folhas são pequenas, ovadas e alongadas, pouco ou nitidamente serrilhadas nas margens. São lisas, de colorido verde-escuro, brilhante. As flores são pequenas e formam paniculas terminais densas, de colorido creme-amarelado, que aparecem em fevereiro-março. Os frutos são mais ou menos cilíndricos e pequenos, com cerca de 5 cm, e sementes pequenas de 1,5 a 3 cm. Tem sinônimo o nome botânico de *Cariniana brasiliensis*, empregado com certa frequência em lugar do primeiro.

A segunda espécie en-



Os jequitibás são árvores imponentes e altaneiras, produtoras de madeira de lei; prestam-se também para proporcionar um efeito paisagístico admirável, como na foto, do "Palácio dos Jequitibás", em Campinas, representados pela espécie *Cariniana legalis* (jequitibás-vermelho).

contrada em São Paulo é *Cariniana estrellensis*, conhecida pelo nome comum de jequitibá-branco. Como o jequitibá, anterior, forma um tronco muito espesso, alto e colunar, com casca semelhante à do jequitibá-vermelho. Diferencia-se, entretanto, facilmente, por produzir folhas grandes, elípticas, com colorido verde-claro; na página inferior, podem ser esparsamente pilosas; as margens são crenadas, denteadas. Nas regiões montanhosas, é facilmente reconhecido à distância entre agosto e outubro, devido à brotação das folhas, com o que a árvore toda adquire uma bela tonalidade vermelho-alaranjada. As flores formam paniculas axilares, alvacentas, entre a folhagem. Os frutos são grandes, um tanto curvos, com um certo estreitamento na parte superior. As paredes são delgadas; ao contrário do que acontece na espécie anterior, cujos frutos tem paredes espessas. Esse jequitibá também é conhecido pelo nome botânico de *Ca-*

riniana excelsa, sinônimo do anterior.

Os jequitibás fornecem madeira de lei, utilizada em construções, compensados, caixotaria etc. Em ambas as espécies, a madeira possui colorido semelhante, com cerne róseo-pardacento ou róseo-avermelhado. No paisagismo, os jequitibás ainda não alcançaram a importância que merecem, em face do extraordinário efeito que podem produzir com o tronco, ereto, colunar e espesso, que sustenta frondosa copa umbeliforme.

Ocasionalmente se encontram exemplares esparsos em parques naturais, assim como um ou outro exemplar preservado em terra de cultura, reconhecidos a distância pela silhueta inconfundível. Certos jequitibás são objetos de atração pública, como acontece com o do Bosque dos Jequitibás, em Campinas, de idade superior a 150 anos. Não menos vistosos são os jequitibás vermelhos existentes no Paço Municipal da mesma cidade, justamente batizado

com o nome de "Palácio dos Jequitibás". No parque desse Paço dois exemplares, irmãos dos dois fronteiros, foram eliminados sumariamente, sem que se realizasse um estudo ou pesquisa visando a sua preservação. Uma das maiores formações naturais de jequitibás ocorre em Santa Rita do Passa Quatro, constituindo periclitante reserva denominada Parque dos Jequitibás, cujo futuro, infelizmente, ainda é incerto. Em Piracicaba, constava há anos ter sido feita a doação, em cartório, pelo proprietário de uma área em que se achava frondoso jequitibá, ao próprio jequitibá, enquanto lá permanecesse. Por esses fatos se avalia o respeito e a admiração que essas árvores sempre despertaram na opinião pública.

As crianças dos sítios e fazendas não raro costumam brincar com os frutos caídos dos jequitibás, chamando de "dedão" os frutos do jequitibá-branco, e de "dedinho" ou "minguinho" os do jequitibá-vermelho.

Outras espécies de jequitibá ocorrem ainda no País. Assim, em Goiás, há *Cariniana domestica*, e na região amazônica, *Cariniana micrantha*, conhecida pelo nome de "tauari", muito parecida com o jequitibá-vermelho. Há descrição de outras espécies na região amazônica, como *C. decandra*, *C. integrifolia*, *C. Kuhlmannii*, *C. rubra* e *C. auhupensis*, totalmente desconhecidas aqui no sul. Na Venezuela e Colômbia, ocorre *C. pyriformis*.

Os jequitibás são ainda conhecidos por outros nomes comuns, como estopéira, congolo, abarco, albarco, caobono, ceru, chorão, choro, chupa e outros mais, que demonstram, na sua maioria, a influência do castelhano na nomenclatura indígena.

Não vemos razões que impeçam o uso de jequitibás na arborização de avenidas amplas ou na composição de parques extensos, visto como outras árvores de porte considerável muitas vezes são aí utilizadas, como acontece com as paineiras. A par do efeito paisagístico, os jequitibás tornam-se-lhe mais conhecidos pelo povo em geral, que só teria a lucrar com isso. Na Capital, por exemplo, as faixas gramadas das marginais poderiam comportar belas macieiras de jequitibás das várias espécies.